

Sal &

Luz

23 2020

INDIGNAÇÃO

Bispos piauienses criticam
Governo Federal

AMIZADE EM CRISTO

A história de Benzão e Ronaldo

ESCAPULÁRIO

Devoção de pertencimento
à N. Senhora

O CRISTÃO DIANTE DO RACISMO

por pe. Daniel Rodrigues

DÍZIMO: SOLIDARIEDADE NA PANDEMIA

por Diác. Giovani Gonçalves Batista

A SOLIDÃO DOS PADRES

PADRES AMADEU MATIAS E OSÓRIO BARBOSA
FALAM DA EXPERIÊNCIA COM A SOLIDÃO
E SOBRE SAÚDE MENTAL NO SACERDÓCIO.

Meu grande amigo, Benzão

Para o diácono Josimar Chaves, a amizade é um reflexo do carinho e consolação de Deus.

Marcos Victor Quirino e Júnior Ribeiro

A amizade de Ronaldo Siqueira e Romel de Oliveira (Benzão) iniciou ainda na infância, em meados de 1983. A dupla tinha forte ligação porque ainda dividiam o quintal das próprias casas. “Nossos quintais se estendiam para os quintais uns dos outros, onde as mesas das cozinhas eram comuns a todos nós”, relembra Ronaldo.

Ronaldo sempre teve uma vida religiosa ativa. Casou-se em 1988 e, em seguida, participou do Encontro de Casais com Cristo. Após a experiência marcante para sua vida de fé, ele resolve estender o convite ao amigo.

“Já o havia chamado inúmeras vezes para a igreja, mas, dessa vez, para a surpresa de todos, recebi um ‘sim’”, conta Ronal-

do. “O meu convite para participar do ECC chegou em um domingo à noite, não estava esperando e logo respondi que ‘sim’”, afirma Romel.

Já são mais de 9 anos desde o “sim” a uma amizade, agora, em Cristo, que tem rendido bons frutos. “Depois de alguns anos, eu e minha esposa, Marly Carvalho, tivemos a ideia de convidar Benzão e sua esposa, Lucivânia Barbosa, para participarem da Pastoral do Batismo. Desde então, já servimos juntos no ECC, EJC, festejos e muitas outras missões. Sensação de dever cumprido”, explica Ronaldo.

Hoje, os dois celebram que puderam passar o exemplo de amizade que cultivam, também para os próprios filhos. “O Ronaldo já era um amigo e passou a ser um irmão. Para mim, é um grande exemplo de pai, marido e de alguém que tem muita fé em Deus”, afirma Benzão.

Para o diácono Josimar Chaves, a amizade é um reflexo do carinho de Deus e da Sua consolação. “A proposta de encontrar um amigo, como está descrito no livro de Eclesiástico (6,10-12), toma-se por um fruto de relacionamento, onde o encontro de duas pessoas irá levá-las a uma perfeição da busca pelo caminho do bem. É através dos amigos que o senhor nos amadurece”, finaliza o religioso.



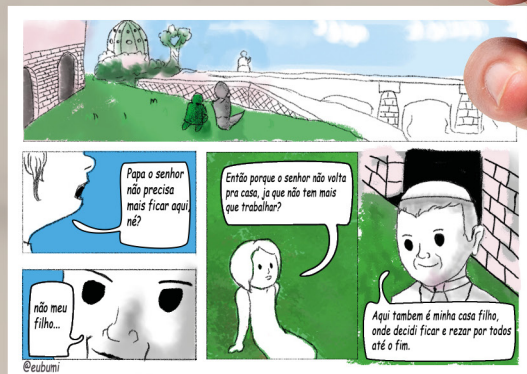
Médicos que se tornaram santos

Diante da pandemia de Covid-19, nossos olhos se voltaram mais ainda para a bela profissão do médico. Na nossa Igreja, temos vários médicos que se tornaram santos, como Santa Gianna Bretta (Itália), São Brás (Armênia) e São José Moscatti (Itália), que desenvolveu o amor pela medicina depois de cuidar do irmão que sofria com epilepsia.



“Meu interesse pela fotografia nasceu há uns dez anos. Dentre diversos temas, especialmente a fotografia de temas religiosos e do cotidiano me encantam. Eu acredito que a fé do nosso povo, nossos ritos, nossa liturgia, são permeados de uma beleza e de um mistério que tornam a fotografia ainda mais atrativa. Uma simples imagem pode trazer paz ao coração e nos remeter ao Divino.”

Caio José Leitão é Bacharel em Direito, Mestre em Ciência Política e membro do EJC e Apostolado Alma Redemptoris Mater, na Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima.



Eu compreendo a solidão da cruz

Os padres Amadeu Matias e Osório Barbosa foram convidados pela Revista Sal & Luz para contarem, nesta edição, suas experiências com a solidão sacerdotal, momentos de crise e saúde mental.

Júnior Ribeiro e Leylanne Fontinele

Era manhã de um sábado quando fomos recebidos na igreja da Área Pastoral São Paulo VI, zona leste de Teresina. Enquanto estacionávamos, um “Bom dia, meus filhos!” foi ouvido ainda de longe, com uma voz grave, compassada, acolhedora. Padre Amadeu Matias, o sacerdote que nos recepcionava, é conhecido pela generosidade.

As igrejas de Teresina já experimentam as primeiras missas presenciais, com diversos protocolos de segurança, após cerca de 4 meses de cancelamento de celebrações presenciais. Com um período rígido de distanciamento social, muita



Padre Amadeu não abre mão de investir na própria saúde mental.

gente teve experiências com o isolamento social e a solidão, esta última, uma companhia conhecida de muitos sacerdotes.

O distanciamento faz parte das primeiras renúncias que um vocacionado à vida sacerdotal deve fazer. É necessário sair de casa e se mudar para o seminário, onde precisará se adaptar à vida comunitária em um ritmo de vida intenso de oração, cumprimento de cargas horárias de estudo e missão pastoral em diferentes paróquias.

“Foi marcante, para mim, ter que sair de um modo de entendimento de família, na minha casa, e abraçar outros irmãos. De fato, é um desafio, não é algo muito fácil”, revela pe. Osório Barbosa.

Padre Amadeu esclarece que, enquanto sacerdote, é solitário, mas não vive a solidão, “porque a vida interior é povoada por Deus, pelas pessoas, pelo sentido da vida. Eu compreendo a solidão da cruz, eu assumi na minha vida a solidão. A vocação celibatária não permite que tenhamos um alguém para nós, nós somos para os outros. Eu assumi na vida a solidão e a condição de não ter ninguém para mim, eu vivo para me doar e isso faz sentido para minha vida”, pontua. “Na minha experiência sacerdotal não foi difícil estar sozinho e isolado. Eu gosto muito de ficar em casa (risos). Eu particularmente não senti algo que possa alimentar a angústia”, afirma padre Osório.

Mas nem sempre os sentidos de solidão foram compreendidos com pensamento amadurecido. “Tem as situações que a gente sente medo [de se sentir só] e é preciso dar as razões da escolha feita”, destaca pe. Amadeu. Pe. Osó-

rio explica que os momentos de crise, de dúvida, não são momentos normais, mas são comuns, existem e fazem parte da missão do sacerdócio. “Nesses momentos, eu mergulhei numa vida de mais oração, principalmente diante do Santíssimo, isso me ajudou bastante. Na leitura espiritual, quando eu comecei a meditar a vida dos santos e vi que todos eles passaram por noites escuras, e como eu estava buscando essa vida, esperava que isso também acontecesse comigo”.

Padre Amadeu revela que, em certo momento da vida, já precisou realizar acompanhamento psicológico. “Para manter minha saúde mental, eu procuro fazer uma boa alimentação, uma boa caminhada, já fiz pilates, procuro escutar boa música, fazer boas leituras, conversar”. Já padre Osório prefere meditar, e afirma que procura não alimentar grandes tristezas, grandes angústias. Nos tempos livres também assiste filmes, especialmente os de comédia. “Eu gosto muito de Charles Chaplin, vejo inúmeras vezes. Vou dele ao Chaves. Até desenho animado me ajuda muito. Eu nunca procurei um psicólogo, mas se eu perceber em algum momento que eu preciso, com certeza procurarei”, relata.

É exatamente isso que recomenda a psicóloga clínica, Edkamila Sobrinho, ex-catequista da nossa paróquia. “Quando um padre perceber que algo não vai bem, que ele não está dando conta de algum sentimento ou emoção, além de trabalhar a questão da espiritualidade, que eles já desenvolvem bastante, será importante também buscar uma orientação fora, com algum profissional, como um psicólogo”, explica Sobrinho.

A psicóloga também explica que, como os padres estão em constante trabalho para cuidar dos outros, eles não podem relaxar com os próprios cuidados com a saúde mental. Dentre as princi-

pais recomendações que pode contribuir, está a de sempre manter contato com a família e com os parentes. “Uma coisa importante que os padres fazem é criar vínculos quando chegam em uma nova comunidade. Sempre tem alguém que cuida do padre como se fosse um parente próximo, que prepara um prato e entrega para ele, leva um bolo no aniversário. Esses gestos ajudam muito nesse impacto da solidão que alguns sacerdotes possam ser acometidos, contribui com a autoestima e, de um modo geral, ajuda muito na saúde mental”, explica a psicóloga.

“A solidão, existencialmente falando, é o fato de você sentir que não tem ninguém para si, como se tivesse uma sensação de vazio. Para a pessoa que vive a solidão, não basta a fé, porque, às vezes, a pessoa pode viver a solidão vivendo com a esposa, com o marido, com os pais, com a família”, explica pe. Amadeu. “Geralmente, quando as pessoas estão acometidas de uma solidão muito grande, eu peço pra que elas não fiquem muito sozinhas. Eu peço que tenham consciência de que Jesus não nos abandona, ele está conosco o tempo inteiro. A vida espiritual vai tirando todo o abandono”, orienta padre Osório.

Padre Amadeu ressalta a importância de se resignificar, de se transformar com problemas de solidão, tristeza, carência, frustração, buscando o essencial. “O sofrimento existe, mas o processo de libertação vai acontecendo na capacidade de transfigurar, de ir além. Jesus vai comigo. Não vou pensar na minha velhice, não vou me preocupar, alguém vai cuidar. Não tenho o controle da vida, pois ela pertence a Deus”, explica o sacerdote. E finaliza: “A solidão acaba com a experiência do amor”.



Padre Osório se reconhece introspectivo e confessa que não vê problema em estar só.



Psicóloga Edkamila Sobrinho fala da importância de sacerdotes cuidarem da própria saúde mental.

O escapulário como sinal de pertencimento à Nossa Senhora

Para utilizar o objeto, a Igreja orienta que o fiel participe de um rito de imposição

Maria Clara Lessa

Utilizado como um dos símbolos tradicionais da fé mariana, o escapulário é um dos objetos mais populares usados por católicos. No entanto, muitos fiéis que o carregam no pescoço, não sabem ao certo sua origem, nem seu significado. Não é o caso da Angélica Mesquita, que usa o escapulário já há alguns meses.

“Para mim, foi muito importante conhecer a devoção à Nossa Senhora do Carmo pelo escapulário, para que eu entendesse o compromisso que estava assumindo ao usá-lo. Não é somente colocá-lo no pescoço, o fiel deve ter uma busca particular pela palavra de Deus, além de praticar alguma oração mariana, como o santo terço”, explica a co-roinha.

Antes de começar a usar o objeto, quer você tenha comprado ou ganhado, a Igreja orienta que o fiel participe de um rito de imposição. “A utilização do objeto é uma consagração e devoção especial à Nossa Senhora. A imposição do escapulário é realizada através de uma celebração eucarística, com um rito feito pelo padre”, explica Maria Clara Sousa, vocacionada do Carmelo Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.

De acordo com Padre Rivaldo, pároco da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus (Dirceu II), “o escapulário foi apresentado por Nossa Senhora



através de uma visão dada a São Simão Stock, como sinal do seu amor e proteção”. Ele também nos lembra que “este não é um amuleto ou algo supersticioso, é sinal de pertença à Nossa Senhora”.

Apesar de ter sua história pouco conhecida, o escapulário ainda é responsável por muitos testemunhos de milagres e conversões.



Angélica Mesquita é devota de Nossa Senhora e usa o escapulário há alguns meses.

Em carta, 152 bispos brasileiros criticam omissão do governo federal durante a pandemia

Os bispos de Floriano, Parnaíba, Picos, Oeiras e Campo Maior também assinaram o documento

Lays Viana

Indignados com ações consideradas “inertes” por parte do governo federal, 152 bispos e arcebispos da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) divulgaram, no dia 26 de julho, a carta ao povo de Deus. Do Piauí, os assinantes do documento foram Dom Edivalter Andrade, da Diocese de Floriano; Dom Juarez, da Diocese de Parnaíba; Dom Plínio, da Diocese de Picos; Dom Edilson, da Diocese de Oeiras; e Dom Francisco, da Diocese de Campo Maior.

Entre as críticas, está a postura do poder executivo diante do posicionamento e pedidos de entidades nacionais e internacionais – como Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização das Nações Unidas (ONU) – quanto às providências para o enfrentamento da COVID-19.

O documento, em que constam as assinaturas de cinco bispos piauienses, propõe um amplo diálogo com fiéis e representantes de diversos setores da sociedade, bem como movimentos sociais, a fim de que seja “restabelecido o respeito à Constituição Federal e ao Estado Democrático de Direito, com ética na política, com transparência das informações e dos gastos públicos, com uma economia

que vise ao bem comum, com justiça socioambiental, com ‘terra, teto e trabalho’, com alegria e proteção da família, com educação e saúde integrais e de qualidade para todos”.

Os autores se dizem ainda “estarecidos” com ações e medidas adotadas pelo governo federal em áreas essenciais, como educação, cultura e saúde, argumentando, por exemplo, as desastrosas escolhas de ministros e suas frequentes substituições, além dos rotineiros ataques à imprensa.

Outro trecho do documento aborda o uso da religião em debates, para justificar posicionamentos e influenciar os cidadãos a assumirem comportamentos antidemocráticos e desrespeitosos. “Como não ficarmos indignados diante do uso do nome de Deus e de sua Santa Palavra, misturados a falas e posturas preconceituosas, que incitam ao ódio, ao invés de pregar o amor, para legitimar práticas que não condizem com o Reino de Deus e sua justiça?”, diz o texto.

O objetivo, segundo a Carta, não é defender interesses político-partidários, mas promover o Reino de Deus e contribuir para uma sociedade “justa, fraterna e solidária, como uma civilização do amor”.

Como o cristão deve se comportar diante do

RACISM



**Ninguém nasce racista, as pessoas tornam-se racistas.
Quem é racista não pode dizer que é cristão.**

O racismo étnico sempre foi tema de discussão ao longo da história da humanidade. No entanto, nas últimas décadas tem se tornado mais intenso devido ao surgimento de grupos extremistas e ideológicos altamente intolerantes, que disseminam uma verdadeira cultura do ódio entre as pessoas de pele negra, opção sexual diferente, migrantes, etc. No Brasil, a situação agrava-se ainda mais quando tais grupos se utilizam da religião e da própria Palavra de Deus para justificarem suas ações violentas, sejam elas verbais ou físicas.

Se formos consultar os Evangelhos, principais fontes de ensinamentos de Jesus, vamos encontrar muitos ensinamentos que tratam do verdadeiro amor. Quando Pedro quis defendê-lo com uma espada, no Jardim das Oliveiras, cortando a orelha de um dos guardas do templo, Jesus mandou-o guardar a espada na bainha e ainda curou a orelha do soldado, colocando-a no lugar (Jo 18, 10-11); depois disse que “todos aqueles que usam da espada, pela espada perecerão (Mt 26, 52).

Um número significativo de pessoas que se dizem cristãs, com “espírito de lobos,” se “travestiram de ovelhas”, para enganar, confundir as pessoas que, por não terem uma base sólida de formação, acabam acreditando e seguindo esses falsos cristãos que atacam até

mesmo a Igreja católica, especialmente a pessoa do Papa Francisco, que tem, dentre outras ações, defendido os direitos de tantos povos injustiçados.

A respeito do racismo, a Igreja Católica ensina, através do seu Magistério hierárquico, que os cristãos devem recordar que quem comete violência contra outras pessoas por causa da sua pele, religião ou outra realidade, está atingindo o próprio Deus, que criou todos os seres humanos à sua imagem. Portanto, os cristãos devem se esforçar para ajudar todos a reconhecer a presença de Deus em cada criatura, e por isso devem respeitar a dignidade e a integridade de todo homem e mulher, independentemente da cor da pele, da etnia, do status social e da nação de proveniência.

Recentemente, na 43ª Sessão do Conselho para os Direitos Humanos da ONU, em Genebra, a Santa Sé, através do observador permanente, o arcebispo Ivan Jurkovic, fez um discurso onde afirmou que “discriminação racial é absolutamente intolerável. Não é possível fechar os olhos diante do racismo ou exclusão racial e, ao mesmo tempo, defender a radicalidade da vida humana”.

Ninguém nasce racista, as pessoas tornam-se racistas. Quem é racista não pode dizer que é cristão, que segue Jesus Cristo ou que ama a Deus, mas odeia alguém por ter pele diferente. Isso é totalmente incoerente com o Evangelho de Jesus. O cristão deve amar a todos sem distinção, porque dessa forma Deus estará presente em nossas vidas, pois “Ele é amor” (1Jo 4, 8).



*Pe. Daniel Rodrigues
Pároco da Paróquia Nossa
Senhora do Rosário de
Fátima*

Dízimo: um ato de solidariedade em tempos de pandemia

Por meio da contribuição de cada um, é possível fazer com que a Igreja sobreviva.

O dízimo é, antes de tudo, um compromisso de fé, amor, gratidão e fidelidade com a comunidade, onde vive-se o espírito da partilha e da doação, fundamentados nos princípios e valores do Evangelho. Em tempos de pandemia, a prática de se contribuir com o dízimo se revela também um ato de solidariedade e amor a si e ao próximo.

Por meio da contribuição de cada um, é possível fazer com que a Igreja sobreviva, se mantenha, possa prestar seus serviços, consiga ajudar os necessitados e realizar sua missão evangelizadora.

Atentas ao atual cenário de pandemia mundial do novo Coronavírus, as equipes da Pastoral do Dízimo, na Arquidiocese de Teresina, estão lançando campanhas com novos métodos e meios, para que os fiéis não deixem de fazer suas contribuições, tendo em vista facilitar a colaboração de cada um com a sua paróquia, diaconia ou área pastoral neste momento.

No início da pandemia houve uma pergunta em coro: “Como receber as contribuições do dízimo durante o período de isolamento social?” Foi aí que conseguimos perceber a criatividade, disposição e espírito de dedicação das equipes paroquiais da Pastoral do Dízimo. Muitas foram as iniciativas, propondo e criando formas para que cada fiel pudesse devolver o dízimo, neste tempo de pandemia, com as igrejas fechadas.

As paróquias, diaconias e áreas pastorais têm

oferecido suas contas bancárias para que os dízimistas possam realizar transferências ou depósitos. Há também aquelas que, por meio de aplicativo próprio, já facilitam ainda mais a contribuição dos fiéis. O contato pelo WhatsApp ou telefone da paróquia também tem sido utilizado para solicitar a visita de agentes da Pastoral do Dízimo para recolher a contribuição.

Quanto a esse último meio, que se disponibiliza para quem não tem condições de contribuir através das formas online, em alguns locais é possível que um membro da Pastoral do Dízimo busque na residência. Tomando todos os cuidados: distanciamento, máscaras e álcool em gel.

Alguns agentes se surpreenderam, pois, ao chegar para recolher o dízimo na residência, muitos fiéis estavam também com o valor referente às ofertas das missas que deveriam ter participado presencialmente, mas que só foi possível virtualmente.

Por isso, fica aqui o nosso apelo: irmãos e irmãs, seu dízimo ajuda a vida e a missão da Igreja! Entre em contato com sua paróquia e saiba como fazer a contribuição do dízimo. Fraterno abraço!



*Díac. Giovanni Gonçalves Batista,
Assistente Eclesiástico da Pastoral do Dízimo.*



Arquidiocese de Teresina

Pároco

Pe. André Negreiros

Editores de conteúdo

Júnior Ribeiro
Leylanne Fontinele

Designer

Idiery Araújo

Finanças

João Pedro Eloi

Coletivo editorial

Dallyla Conrado
Lays Viana
Marcos Vítor Quirino
Maria Clara Lessa
Maria Júlia Gomes
Vinicius Lavor

Foto de capa

Júnior Ribeiro

SEJA UM PATROCINADOR

(86) 9.9527-9055

PATROCÍNIO



CONTALGRAF

Escritório de Contabilidade em Geral
(86) 8863-0695
(86) 8841-1174

REALIZAÇÃO



Siga nossas redes sociais



Toque nos ícones para interagir



@saleluzentrevista



@psje.ig



facebook.com/psjesjb



Inscreva-se

Sal & Luz
ENTREVISTA



@avalonburgerhouse

PEÇA SEU DELIVERY

Faça seu pedido!

(86) 9 9839-9754



Aceitamos:
PicPay
Avalon Burger